

**Universidade Federal de São Carlos  
Campus - Sorocaba  
Ciências Biológicas Bacharelado**



**CAUÊ RINCON PETERS**

**CONSUMO, COOPERAÇÃO E CONSERVAÇÃO: O PERFIL DO  
COAGRICULTOR ASSOCIADO DA CSA - SOROCABA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof.Dr.Fernando Silveira Franco

SOROCABA

2021

## **Folha de aprovação**

CAUÊ RINCON PETERS

### **“CONSUMO, COOPERAÇÃO E CONSERVAÇÃO: O PERFIL DO COAGRICULTOR ASSOCIADO DA CSA - SOROCABA”**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

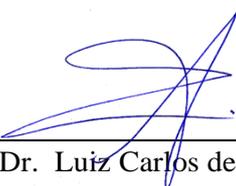
Sorocaba, 23 de Junho de 2021

Orientador



Prof. Dr. Fernando Silveira Franco

Membro 1



Prof. Dr. Luiz Carlos de Faria

Membro 2



Prof. Dr. Hylío Laganá Fernandes

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minha família especialmente, aos meus pais, a minha mãe Maria, e meu pai João Paulo que tanto lutaram pela minha educação e nunca me deixaram perder a força de vontade.

Obrigado, Steffany, minha irmã querida, por me ouvir nos momentos difíceis, e pela ajuda na revisão desse trabalho.

Não posso deixar de dedicar um agradecimento especial aos meus amigos, que me acompanharam nessa jornada, principalmente ao Rodrigo "Elfo" grande parceironas horas mais difíceis dessa graduação, assim como na horas lúdicas, dedicadas à cura ociosa da mente.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Silveira Franco pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho em prazo tão apertado.

Agradeço também a todos os professores que me proporcionaram o conhecimento no processo de formação profissional, e na minha construção como indivíduo racional

Um agradecimento especial a todos que participaram das entrevistas, e a todos os membros da CSA -Sorocaba, que essa comunidade cresça e frutifique cada vez mais.

*Por el suelo hay una compadrita  
Que ya nadie se para a mirar  
Por el suelo hay una mamacita  
Que se muere de no respetar  
Patchamama te veo tan triste  
Patchamama me pongo a llorar  
Esperando la última ola  
Cuídate no te vayas a mojar  
Escuchando la última rola  
Mamacita te invito a bailar  
(Manu Chao)*

## RESUMO

A agroecologia propõe a comercialização em circuitos curtos como sendo uma das bases fundamentais do desenvolvimento rural sustentável. Esse tipo de sistema mercadológico é sustentado pela ideia de se investir em mercados locais, diminuindo a distância entre produtores e consumidores, limitando a atuação de “atravessadores”. Dentro desse viés, as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), surgem como uma possibilidade para unir os produtores rurais que buscam a seguridade econômica, e consumidores, predominantemente do meio urbano, que buscam alimentos saudáveis e livre de agrotóxicos a partir do comércio solidário e consumo ético. O levantamento do perfil dos associados de uma CSA no município de Sorocaba, foi realizado a partir de um questionário estruturado onde despreendeu-se noções de consumo, sustentabilidade e conservação ambiental. No qual foi possível observar um elevado grau de comprometimento com práticas sustentáveis, interação e cooperativismo dentro da comunidade. Notadamente, os entrevistados possuem noções bem estruturadas e claras sobre as problemáticas envolvidas com a agricultura em larga escala, assim, como da relação alimentos-saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agroecologia; Economia Solidária; Consumo Ético; Cooperativismo; Sustentabilidade; Educação Ambiental.

**CONSUMPTION, COOPERATION AND CONSERVATION: THE FARMER  
ASSOCIATE'S PROFILE OF A COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE  
CSA - SOROCABA**

**ABSTRACT**

Agroecology propose short circuit markets as one of the fundamental bases of sustainable rural development. This kind of market system is based in the idea that, local markets could approximate farmers and local citizen, cutting off distances and intermediary vendors. Under that circumstances, a Community Supported Agriculture CSA, became an exit for the farmers who seek for economical security, and consumers, healthier foods, under ethical and social behaviors. The CSA - Sorocaba associate's profile data was obtained via online form, which questions were made based on consumption, sustainability and environmentalism notions and behaviors. Notably, the associates have well-structured and clear notions about the issues involved with large-scale agriculture, as well as the food-health relationship.

**Key Words: Agroecology; Solidarity Economy; Ethical Consumption;  
Cooperatives; Sustainability; Environmental Education**

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1: As três facetas da Agroecologia e seus desdobramentos. Fonte: Adaptado de Wezel et al. 2009. ....	16
Figura 2: Participação dos associados da CSA de acordo com os Grupos de Trabalho (GTs). Fonte: Própria autoria, 2020. ....	23
Figura 3: Caracterização percentual dos associados da CSA de acordo com o gênero. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	24
Figura 4: Grau de escolaridade dos membros associados ao CSA. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	25
Figura 5: Caracterização percentual dos associados da CSA de acordo com a idade. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	26
Figura 6: Fatores que influenciam na obtenção de produtos agroecológicos/orgânicos, por grau de relevância. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	27
Figura 7: Consumo de produtos orgânicos/agroecológicos pelos coagricultores. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	28
Figura 8: Práticas sustentáveis mais comuns relacionadas a reeducação ambiental. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	29
Figura 9: Participação dos associados da CSA - Sorocaba nas visitas técnicas aos organismos agrícolas. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	32
Figura 10: Grau de satisfação dos coagricultores com a experiência em uma Comunidade que sustenta a agricultura. Fonte: Própria autoria, 2020. ....	34
Tabela 1: Composição das cestas semanais .....	29

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1. Objetivo Geral .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2. Objetivos Específicos.....</b>	<b>11</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA .....</b>	<b>12</b>
<b>4.1. Agroecologia como movimento para o desenvolvimento rural sustentável .....</b>	<b>12</b>
<b>4.2. Produção agroecológica e consumo consciente .....</b>	<b>16</b>
<b>4.3. <i>Community-Supported Agriculture: As Comunidades que sustentam a agricultura e a economia associativa</i>.....</b>	<b>19</b>
<b>5. METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
<b>6. ANÁLISES DOS RESULTADOS .....</b>	<b>22</b>
<b>6.1. A CSA Sorocaba .....</b>	<b>21</b>
<b>6.2. Social e econômico .....</b>	<b>23</b>
<b>6.3. Consumo consciente.....</b>	<b>26</b>
<b>6.4. Diversidade dentro do modelo.....</b>	<b>30</b>
<b>6.5. Cooperação e consciência ambiental .....</b>	<b>31</b>
<b>7. CONCLUSÕES.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO.....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário político brasileiro, onde o aparente descaso demonstrado perante políticas sociais, a ciência, o meio ambiente, e pela própria população, como pode-se destacar diante da atual crise de saúde global, além de chocante, faz soar um alarme. Desde 2017, o medidas vem sendo tomadas para favorecer pequenos grupos privilegiados, como o do agronegócio.

A sanções em massa para a liberação de produtos altamente nocivos ao meio ambiente, foram as primeiras de muitas decisões tomadas nos últimos anos para auxiliar na expansão da agricultura industrial de *commodities* pelo país (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2017). Ao mesmo tempo, ações públicas para suporte social e proteção ambiental vem sendo minadas, prejudicando e limitando àqueles que de fato produzem o alimento consumido pela população brasileira (CARVALHO; MARIN, 2011).

Em contrapartida as organizações sociais continuam lutando constantemente pelo diálogo com as instituições públicas, em todos os níveis da esfera política, seja pela melhoria de vida, melhores condições de trabalho, aporte de políticas públicas, saneamento básico e alimentação. Nesse cenário, a Agroecologia se encontra como um dos pilares da defesa pela cidadania, segurança e soberania alimentar, ao acesso à terra e pela sustentabilidade. Como movimento social e político, a agroecologia está fortemente ligada à produção familiar. O que é descrito por Caporal e Petersen como:

Uma característica marcante do Agroecologia no Brasil é seu vínculo inextricável com a defesa da agricultura familiar camponesa como base social de estilos sustentáveis de desenvolvimento rural. Nesse sentido, o movimento agroecológico brasileiro destaca-se como um campo social e científico de disputa na sociedade, em defesa de mudanças estruturais no campo, aliando-se aos históricos movimentos camponeses e da agricultura familiar (com e sem-terra) (CAPORAL;PETERSEN, 2012).

O movimento agroecológico, ganhou força no Brasil em meados da década de 80, diretamente ligado aos movimentos populares camponeses (GUZMÁN, 2015).Dentre eles, é importante destacar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que sempre esteve à frente na luta pela reforma agrária. O "Plano Nacional do MST" de 1989, já salientava o desenvolvimento econômico e social do campesinato através das organizações coletivas, assim, como de métodos de trabalhos organizativos e científicos (MST, 1989).

A construção da agroecologia como ciência, se deu através do diálogo com as comunidades tradicionais enfatizando a importância do conhecimento carregado por esses povos (BARRERA-BASSOLS, 2009). Em razão disso, essa construção veio acompanhada pelo desenvolvimento técnico e estrutural de comunidades rurais (CAPORAL; COSTABEBER, 2004), e assim, o assentamentos rurais espalhados pelo país, se tornaram palco dos mais diversos estudos e projetos voltados para o desenvolvimento econômico, social sustentável e segurança alimentar a partir da sustentabilidade (ALTIERI, 2004).

A agricultura sustentável, propõe a comercialização em circuitos curtos, como sendo uma das bases fundamentais desse desenvolvimento rural. Esse tipo de sistema mercadológico, é sustentado pela ideia de se investir em mercados locais, diminuindo a distância entre produtores e consumidores e limitando a atuação de "atravessadores". Os quais, encarecem o mercado orgânico/agroecológico e a logística essa empregada na atual distribuição de alimentos país (DUBEUX; BATISTA, 2017; ROVER; RIEPE, 2016). Na realização desse tipo de circuito de comercialização, nota-se um crescimento na consolidação de núcleos de Economia Associativa e/ou Solidária, como é o caso das CSAs, "Comunidade Sustenta Agricultura",o qual é um movimento econômico popular que surgiu nos EUA na década de 80 a fim de aproximar produtores e consumidores, possibilitando o investimento direto aos produtores, o que tende a uma queda no valor final dos alimentos produzidos (FILHO; CUNHA, 2012; LECHAT, 2001).

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

O presente trabalho tem como foco a estabelecer as relações entre Urbano e Rural, Produção e Consumo Sustentável e a Conservação Ambiental diante de um projeto de Economia Associativa.

### **2.2. Objetivos Específicos**

Os objetivos específicos deste estudo foram:

- a) levantamento do perfil dos consumidores associados ao CSA - Sorocaba, principalmente no que se refere a percepção em relação ao consumo e produção ecológica na região metropolitana de Sorocaba
- b) assim também, como enxergam a agricultura familiar e o produtor agroecológico;
- b) levantamento da quantidade de membros associados que participam efetivamente na gestão do projeto a partir dos grupos de trabalho;
- c) analisar de que forma se estruturam os grupos de trabalho (GTs)
- d) levantamento do grau de proximidade entre consumidores e produtores, como por exemplo, visitas aos locais de produção;

## **3. JUSTIFICATIVA**

As constante corte de verbas para com instituições Públicas (como por exemplo, a extinção de ministérios e políticas públicas, assim como, o corte de bolsas em áreas de pesquisa) e Civis, de cunho social, assim como os posicionamentos contrários às Organizações Não Governamentais, às políticas da reforma agrária e de demarcação de terra, além da recolocação do Brasil no Mapa da Fome (FAO et al., 2019). Vê-se a necessidade do campo científico de buscar alternativas viáveis não só para a falta de recursos, mas para a construção de soluções para os problemas que afetam a sociedade. No cenário

da soberania alimentar por exemplo, surge a necessidade do fortalecimento de mercados institucionais (DINIZ et al., 2016), assim como, de práticas econômicas e de produção sustentáveis, que sigam na direção contrária as impostas pelo capitalismo (VERGES, 2013).

Assim, para que se proteja a produção familiar e, ao mesmo tempo, as comunidades rurais, assentamentos, quilombos etc, se faz necessária a organização de associações entre produtores, consumidores e instituições (MARTINS; ONUMA, 2018). Seguindo como exemplo a Economia Associativa, e desta forma, os empreendimentos campestinos tenham acesso à investimentos, tecnologias e profissionalização. Do mesmo modo que o produtor tenha segurança e resiliência econômica para se manter nos períodos de baixa produtividade.

Dentro desse viés socioeconômico, as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs), se apoiam no movimento da agroecologia, agricultura biodinâmica, dentre outras formas de agricultura alternativa sustentável. As quais objetivam unir os produtores rurais que buscam a seguridade econômica (DUBEUX; BATISTA, 2017) (JUNIOR et al., 2018), e consumidores, predominantemente do meio urbano, que buscam alimentos saudáveis e livres de agrotóxicos, através do comércio solidário e consumo ético.

A partir desses pressupostos, reconhecer quem é o público alvo, no consumo de alimentos agroecológicos, se faz necessário para que se estabeleça um foco na construção de redes agroecológicas, e na formação de mercados locais no município, ainda, beneficiando a agricultura familiar a partir dessas redes.

## **4. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

### **4.1. Agroecologia como movimento para o desenvolvimento rural sustentável**

A partir da segunda metade do século XX, o movimento econômico de desenvolvimento industrial no campo, conhecido como Revolução Verde, cresce exponencialmente na América Latina. Esse modelo de desenvolvimento

partia do princípio de simplificação do sistema agrário, assim como, uso de fertilizantes e pesticidas químicos, a fim de maximizar os lucros. Além dos problemas ambientais desencadeados pela Revolução Verde, como aponta Altieri, "a modernização da agricultura, com a utilização de tecnologias intensivas em insumos, aconteceu sem a distribuição de terras" (ALTIERI, 2009, p.19). Essa distribuição desigual de terras, favoreceu ainda mais os agricultores mais ricos que passariam a controlar cada vez mais o capital, a exploração, acesso aos recursos e o destino dos ecossistemas naturais (ALTIERI, 2009). Ainda, o autor, sobre a Revolução Verde, afirma:

"As estratégias de desenvolvimento convencionais revelaram-se fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável. Não foram capazes nem de atingir os mais pobres, nem de resolver o problema da fome, da desnutrição ou as questões ambientais." (ALTIERI, 2009, p.19).

Movimentos alternativos de Agricultura, como a Agricultura Biodinâmica propostas por Steiner e a Agricultura Natural de Mokiti Okada já se formavam desde 1920-1930 (EHLERS, 1994). E mesmo com o termo 'agroecologia' sendo apresentado na década seguinte, foi somente na década de 70 que a agroecologia passa a ser explorada como uma disciplina científica, e por suas características multi e interdisciplinares, o desenvolvimento da mesma como ciência recebeu diversas abordagens metodológicas (WEZEL et al., 2009; FEIDEN, 2005).

O conceito de 'agroecossistema', "sistemas ecológicos modificados por humanos para se produzir alimento, fibras entre outros" (CONWAY, 1987 p.95) ou ainda, "ecossistemas domesticados" (ODUM, 1984 p.5), passaria a ser a unidade de estudo da Agroecologia. O qual na década de 80 se tornaria o instrumento metodológico para o entendimento de como se davam os processos ecológicos nesses 'ecossistemas domesticados' sob o manejo tradicional campesino, principalmente nos países em desenvolvimento da América Latina (ALTIERI, 1986; CONWAY, 1987; GLIESSMAN, 1981).

Os estudos voltados para este campo concentram-se na compreensão de como sistemas biologicamente mais complexos podem apresentar benefícios ambientais de curto e longo prazo, promovendo serviços ecossistêmicos e resiliência agrícola diante de mudanças ambientais (TOMICH et al., 2011). Esses benefícios são frequentemente avaliados comparando sistemas agrícolas de monocultura intensiva, que estão amplamente associados à diminuição da biodiversidade (TSCHARNTKE et al., 2005), interrupção de processos biogeoquímicos (DRINKWATER; SNAPP, 2007) e intimamente relacionados às mudanças climáticas locais e globais (ROBERTSON; PAUL; HARWOOD, 2000).

A participação ativa do campesinato nos projetos agroecológicos, foi fundamental na construção empírica do conhecimento agroecológico. A junção, da instrumentação metodológica técnica da ecologia, sob a perspectiva do camponês, trouxe a luz uma pluralidade de técnicas de manejo em sistemas complexos de produção alimentar, incluindo até a suplementaridade de alimentos advindos de ambientes naturais (GLIESSMAN, 1992).

Contudo, sob a realidade das comunidades camponesas na América Latina, a desigualdade na distribuição de terra produtiva, recursos e tecnologia mostraram-se grandes desafios a serem superados pelos pesquisadores em agroecossistemas, Altieri & Anderson (1986) discorrem sobre o problema:

“[...] o desenvolvimento e extensão da tecnologia apropriada para camponeses estão sendo re-examinados, e vagarosamente está se tornando reconhecido o fato, de que a tecnologia desenvolvida para pequenos agricultores em países em desenvolvimento, devem se encaixar nas características socioeconômicas e agroecológicas do pequeno sistema agrícola.” (ALTIERI; ANDERSON, 1986 p.30)

Não demorou para se notar a necessidade do desenvolvimento social e econômico dessas comunidades tradicionais (principalmente aquelas afetadas pela falta ou perda de terras, e pela desigualdade social), assim, atingindo os objetivos propostos pelos diversos modelos de agroecossistemas que foram implantados ao longo das duas décadas seguintes. Segundo Gliessman et al. (2003), a definição técnica da Agroecologia como a "aplicação de princípios e

conceitos ecológicos para o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis" se limitava a observação da produção agrícola e dos impactos ambientais, enquanto poderia ser "um estudo integrado da ecologia de todo o sistema alimentar que engloba dimensões ecológicas, econômicas e sociais" (GLIESSMAN et al., 2003 p. 100). Outros autores, como Guzmán & Molina (1989) defendem que, a agroecologia é, antes de uma área técnica científica, uma coevolução social e ecológica, devido à natureza inseparável desses sistemas, nas palavras de Guzmán:

“La Agroecología es una construcción popular, surgida de la alianza entre sectores campesinos e indígenas con técnicos(...) que, con diferente experiencia, vinculada al manejo de los bienes naturales y agrupados en ONG's; fue realizada en Latinoamérica, a través de una dinámica participativa.” (GUZMÁN, 2015 p. 354).

Essas diferentes interpretações sobre a agroecologia, foram sintetizadas em três correntes (Figura 1), definidas por Wezelet al. (2009) como: disciplina científica, movimento e prática. De uma maneira ou de outra, nenhum desses conceitos tornam-se inválidos, a Agroecologia como ciência integradora, une a ecologia, a agronomia, as ciências sociais políticas e econômicas para a resolução de objetivos concomitantes, tanto no campo acadêmico e institucional, como a nível de base social. (GLIESSMAN, 2011; GUZMÁN, 2017).

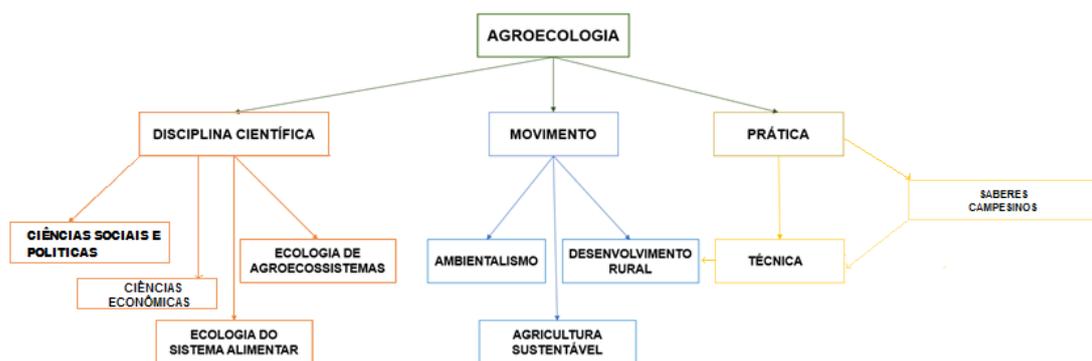


Figura 1: As três facetas da Agroecologia e seus desdobramentos. Fonte: Adaptado de Wezelet al. 2009.

A partir dessa visão científica sobre a importância do desenvolvimento rural para que se alcançassem os objetivos da agricultura sustentável e se desvendasse a ecologia dos sistemas alimentares, o diálogo com as instituições públicas foi se formando e, políticas sociais foram sendo implementadas no Brasil. Além disso, a consolidação de mercados institucionais na década de 90, passaram a fomentar a demanda produtiva da agricultura familiar, como o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) fornecendo linhas de crédito para que os trabalhadores investissem (AUGUSTO; LIMA, 1990), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que dava destino à produção agrícola, o qual é articulado pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar – CONSEA (conselho vinculado diretamente à presidência, sendo ele extinto por um breve período em 2019). E assim, reforça-se que as organizações sociais coletivas foram essenciais na construção desse novo modelo de desenvolvimento rural (CAPORAL; PETERSEN, 2012; GUZMÁN, 2000).

#### 4.2. Produção agroecológica e consumo consciente

O crescente avanço das pesquisas, assim como, de notícias relacionadas aos efeitos colaterais da Agricultura Industrial, do uso de agrotóxicos, transgênicos e a introdução de alimentos ultra processados na dieta humana vêm chamando a atenção de uma parte da população,

preocupada com a sua saúde e bem-estar, esses consumidores tem procurado cada vez mais pelos produtos naturais. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o consumo de produtos naturais e orgânicos teve um aumento anual médio de 11% entre 2000 e 2017 (IPEA, 2019). Mesmo com o incentivo ao consumo de produtos de setores agroquímicos industriais através da mídia, ou até mesmo, de “estudos científicos” realizados por grandes empresas desse setor, nota-se também, o aumento constante na introdução dos alimentos naturais e orgânicos no mercado, segundo o Censo Agropecuário de 2006, esse mercado movimentou cerca de R\$ 1,3 bilhões (IPD - Orgânicos), 10 anos depois, no Censo Agropecuário 2017, foi apontado o crescimento exorbitante de estabelecimentos agropecuários que praticam a agricultura orgânica, de 5.106 para 64.690 estabelecimentos, sendo 49.330 deles, vinculados à agricultura familiar (IBGE, Censo Agropecuário, 2020).

Embora esses números pareçam promissores, ainda há um grande problema que está relacionado diretamente com a forma de se pensar sobre o consumo. A crescente popularidade dos produtos orgânicos tem chamado atenção de empresas que podem bancar os custos dos insumos orgânicos e outros produtos naturais para o uso em larga escala o quê, de fato acaba por tornar ainda mais difícil o escoamento e comercialização de alimentos advindos da agricultura familiar, estes incapazes de competir dentro da lógica capitalista, Feiden, 2005 discorre sobre a problemática:

“Assim, surge uma nova interpretação do conceito de agricultura orgânica, para o qual basta atender às normas mínimas de legislação para ter direito ao selo de qualidade, o que equivale a uma simples substituição dos insumos convencionais por insumos orgânicos ou biológicos, mantendo a mesma lógica produtiva dos sistemas convencionais.”  
(FEIDEN, 2005, p.54).

A reestruturação do pensamento consumista é fundamental para o real desenvolvimento agrícola sustentável. Nessa questão o economista Paul Singer é um dos pioneiros no Brasil na consolidação do que se é conhecido como economia solidária. (SINGER, 2002), este conceito teórico econômico surge a partir da Economia Social, proposta durante a Revolução Industrial na

Europa no século XIX (LECHAT, 2001) essa, vinculada diretamente aos movimentos cooperativistas e associações de trabalhadores, movimentos sociais que seriam vistos a partir de então como o “Terceiro Setor” (MOULAERT; AILENEI, 2005). Segundo Singer, a economia solidária, surge então, e através do cooperativismo de consumo, como reação às pressões causadas sobre os trabalhadores, pela economia capitalista, e essa, levaria em seguida ao surgimento das cooperativas de produção, em suas palavras:

“[...] não deve surpreender que as organizações sociais e econômicas inventadas e mantidas por pobres (desprovidos de propriedade) sejam regidas muito mais pela solidariedade do que pela competição. A economia solidária compreende diferentes tipos de ‘empresas’, associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. Estas empresas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver.” (SINGER, 2001, p. 105)

Seguindo esse novo ideal de produção e consumo, surge então uma nova lógica de mercado baseada na solidariedade - o qual, na América Latina, ainda está muito relacionado com a economia informal (LAVILLE, 2009) - esse mercado, vê-se frequentemente minado, devido a sua inserção dentro da lógica capitalista do Estado, o qual continuamente favorece o setor industrial privado (AZAMBUJA, 2009; SINGER, 2009).

No âmbito rural, isso não é diferente, e logo, para o desenvolvimento rural sustentável dentro dessa nova lógica mercadológica, a agroecologia também tem seu papel fundamental, utilizando-se de ferramentas econômicas para o favorecimento dos pequenos agricultores por exemplo, como é o caso dos circuitos de comercialização “que permitam uma melhoria da qualidade de vida da população local e uma progressiva expansão espacial segundo os acordos participativos alcançados por sua forma de ação social coletiva” (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 86). Esses circuitos curtos de comercialização, visam o desenvolvimento econômico localmente, o que conseqüentemente, levaria o desenvolvimento econômico de uma parcela maior da população, diferentemente da lógica atual do mercado, onde quem

tem o poder de distribuição, dita as regras do consumo - através de mercadorias com preços predatórios por exemplo. Sobre esse sistema de comercialização, Dubeux e Batista, 2017, discorrem:

“A promoção de circuitos curtos de comercialização, com base na relação direta entre produtor e consumidor, visa, além da aproximação de perspectivas e olhares diferentes sobre o território, a corresponsabilização de ambos os extremos da cadeia pelas atividades produtiva e comercial. Desse modo, pretende-se promover a reapropriação do mercado pelas pessoas, já que o mesmo encontra-se atualmente alienado nas mãos de uma infinidade de intermediários, especialmente as grandes cadeias de distribuição.” (DUBEUX; BATISTA, 2017, p. 247)

#### **4.3. *Community-Supported Agriculture: As Comunidades que sustentam a agricultura e a economia associativa***

O conceito de *Community-supported Agriculture*, CSA originou-se na Europa e foi implementada nos EUA na década de 80, pelas iniciativas simultâneas dos agricultores orgânicos, TraugherGroh e Jan Vander Tuin (COOLEY; LASS, 1998). Essa forma de pensamento em relação ao consumo baseia-se no *Teikei*, movimento que surge no final dos anos 60, e tem no seu nome seu significado: "parceria" , onde fazendeiros de orgânicos e consumidores se uniam onde ambos os lados exerciam papéis fundamentais e horizontais. (KONDOH, 2015)

As CSAs, como movimento econômico e social, baseiam-se na premissa a qual consumidores se unem para, junto de um pequeno agricultor orgânico, planejar produção agrícola e financiar e dividir os gastos relacionados à mesma, de acordo com a sazonalidade, capacidade produtiva do local (também chamado de organismo agrícola) e do agricultor, em troca, os associados recebem cestas compostas por produtos diversos, verduras, legumes, raízes, bem como pães, geleias, mel e o que mais for produzido no organismo agrícola. De acordo com Ferreira Neto *et al.* 2015 as CSAs representam, em síntese:

“[...] as CSAs representam uma relação entre agricultores e a comunidade local, na qual as responsabilidades, riscos e benefícios da produção são divididos entre todos, fazendo assim com que os agricultores tenham segurança em sua produção e os consumidores tenham acesso direito a alimentos saudáveis, frescos e a preços acessíveis.”(FERREIRA NETO et al., 2015, p.3)

Além disso, a gestão e operação dos núcleos (ou centros de distribuição) é realizada pelos membros associados de forma voluntária, sob um sistema de autogestão.

Atualmente, existem modelos de CSA operando em diversas localidades no mundo, apenas nos EUA, segundo o *LocalHarvest*, ferramenta online para pequenos agricultores, existem mais de 6 mil núcleos de *Community-supported Agriculture* em atividade. Na Europa, segundo levantamento realizado em 2016 pelo *European CSA Research Group*, o modelo já foi implementado em mais de 20 países, totalizando mais de 2700 iniciativas, e cerca de meio milhão de consumidores (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016).

No Brasil, a iniciativa foi implantada em 2011 por Hermann Pohlmann, *Design* alemão que trouxe a iniciativa no município de Botucatu, com o CSA Demétria, no bairro de mesmo nome, referência na área dos conhecimentos antroposóficos (passados por Rudolf Steiner), como a própria Associação Biodinâmica, e uma escola Waldorf Aitiara, e hoje possui mais de 400 famílias participantes (CSA Brasil). Em 2014 é formada a CSA Brasil, oferecendo cursos para o desenvolvimento de comunidades, com base na filosofia do contato com a terra. (JUNIOR et al., 2018). Nas próprias palavras de Pohlman, fundador da CSA Brasil, as CSAs representam a possibilidade de transformações "nos âmbitos social, ecológico, econômico, espiritual, legal, cultural e pedagógico." (POHLMANN, 2018)

Hoje, segundo o Mapa de CSAs no Brasil, são mais de 100 iniciativas, vinculadas à 62 organismos agrícolas, em 19 estados brasileiros (CSA Brasil).

Diversos modelos implantados sido foco de estudos, como em São Carlos (TORUNSKY; NETO; AMORIM, 2015), São Paulo (AMORIM, 2018), Brasília (JUNIOR et al., 2018), Belo Horizonte (OLIVEIRA, 2018).

## 5. METODOLOGIA

Neste estudo foi discutido a importância do desenvolvimento da agroecologia junto à agricultura familiar de modo teórico, com seu foco direcionado unicamente aos consumidores associados a CSA – Sorocaba. Os quais, os organismos agrícolas se localizam no Assentamento Horto Bela Vista (referência em literaturas regionais:ALMEIDA, 2019; BUQUERA, 2015; OLIVEIRA, 2016; SANTOS et al., 2015).

A metodologia de pesquisa se apoiou em duas abordagens: a primeira, a construção teórico-metodológica, a partir do levantamento referencial de artigos e livros relacionados aos temas abordados, englobando agroecologia, agricultura familiar, consumo consciente e Economia Associativa como em:ALTIERI(1995); GLIESSMAN; FRANCIS; LIEBLEIN(2003) e ODUM(1984).

A segunda abordagem é a caracterização do perfil dos consumidores e associados das CSAs, a partir da aplicação de questionários estruturados baseados nos trabalhos de FOLLMANN; CIPRANDI, (2007); THOMPSON; COSKUNER-BALLI, (2007).

O questionário estruturado foi aplicado em junho de 2020 às famílias associadas via formulário online, o mesmo era composto por 16 perguntas separadas em três unidades:

- 1) Socioeconômico - onde realizou-se questões como idade, escolaridade e renda familiar;
- 2) Sustentabilidade - visando inferir suas motivações e percepções em relação à qualidade de vida, consumo sustentável e consciente e conservação ambiental;

3) Cooperação - onde se pretendeu medir o grau de proximidade entre agricultores e coagricultores, assim como o nível de comprometimento com o projeto.

A metodologia utilizada por THOMPSON, (1997); THOMPSON; COSKUNER-BALLI, (2007) de análise textual (hermenêutica), foi imprescindível para avaliar de forma sensitiva e qualitativa o discurso dos entrevistados em relação às suas percepções ambientais, ecológicas e sobre o consumo. O questionário (disponível no ANEXO A) foi respondido de forma anônima para a proteção do direito de imagem dos entrevistados, assim como, para assegurar que os mesmos se sentissem à vontade para responder as questões levantadas.

## **6. ANÁLISES DOS RESULTADOS**

### **6.1. A CSA Sorocaba**

A comunidade que sustenta a agricultura, CSA Sorocaba foi fundada em 2016, através de articulações com o movimento agroecológico, e atualmente, é composta por cerca de 30 famílias, abastecidas com o alimento produzido por 4 agricultores. Todo coagricultor paga mensalmente por uma ou meia cota, nos valores de R\$ 165,00 e R\$ 125,00 respectivamente, e recebem por isso, semanalmente, cestas de alimentos (com 10 e 7 item cada) compostas de, folhosas, legumes, raízes, frutas, temperos e aromáticas (CSA Sorocaba, 2020).

Todo o trabalho na CSA é realizado de forma voluntária pelos coagricultores, a mesma então, se divide em quatro subgrupos de trabalho (GTs) são esses: comunicação, entrega, financeiro e técnico. Dentre os quais, o trabalho de divulgação realizado pelos membros do GT comunicação nas redes sociais com a sociedade em geral, foi de suma importância para o levantamento dos dados para a execução do presente estudo. Cada grupo de trabalho é responsável pela manutenção do projeto como um todo, seja no planejamento e investimento da produção, na retirada e preparo das cestas,

feitas com um caminhão próprio, assim como divulgação de notícias, compartilhamento de vivências e receitas em um site próprio e nas redes sociais. E as decisões são tomadas em reuniões semanais. (CSA Sorocaba, 2020)

## 6.2. Social e econômico

O questionário estruturado como formulário *online* foi respondido por 12 dos coagricultores, dentre eles, seis são participantes voluntários dentro dos grupos de trabalho (Figura 2).

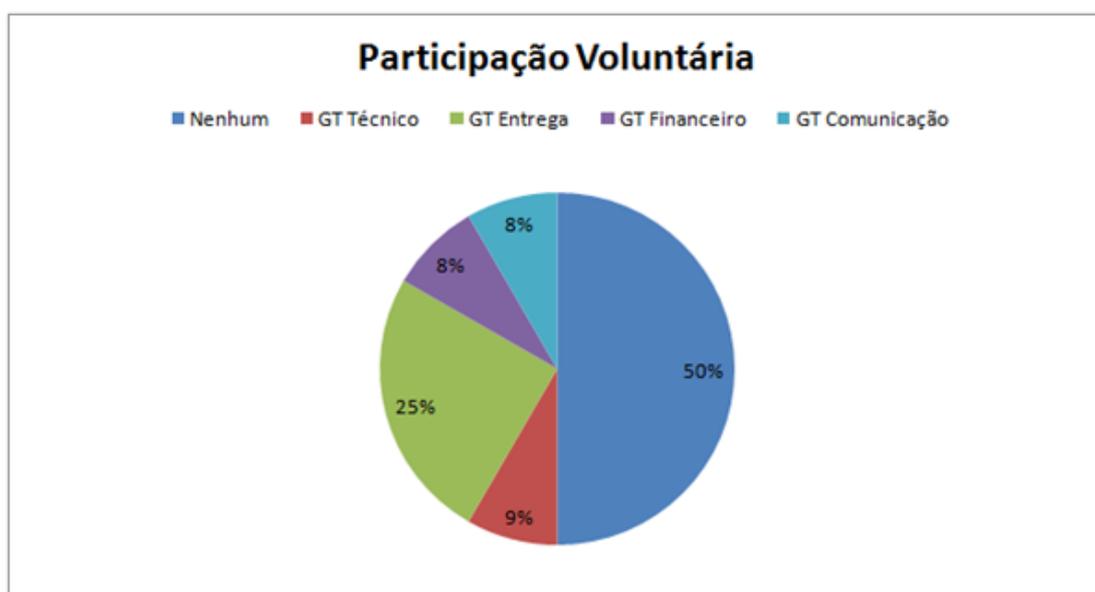


Figura 2: Participação dos associados da CSA de acordo com os Grupos de Trabalho (GTs). Fonte: Própria autoria, 2020.

De acordo com a Figura 2, o GT que contém uma maior participação dos membros foi o de entrega, indicando um grau de comprometimento com a distribuição dos alimentos para todos os membros participantes da CSA.

Como observado em outras experiências de CSA, a participação dos consumidores nos grupos de trabalho, podem ser relacionadas com a pretensão do consumidor em relação ao projeto, segundo Lencioni et. al. (2018), "Isso se dá, pois alguns entram pelos ideais e outros apenas pelo alimento de qualidade com um preço diferenciado." o que acaba por gerar "uma sobrecarga de funções em uma pessoa" (LENCIONI; FRANCO; ALVARES, 2018, p. 197). Entretanto, pode-se notar ainda uma participação voluntária significativa entre os membros (50%) na CSA - Sorocaba.

A Figura 3 mostra que 83,2% dos consumidores representados no questionário se identificam pelo gênero feminino, indicando uma maior participação das mulheres na CSA - Sorocaba. Esse fato pode ser atribuído ao que refere-se Barbosa 2007 onde “A necessidade de se escolher o que comer diariamente é uma fonte de tensão permanente para quem tem essa tarefa que, no caso brasileiro, é em 70% dos casos, da mulher” (BARBOSA, 2007, p.97).

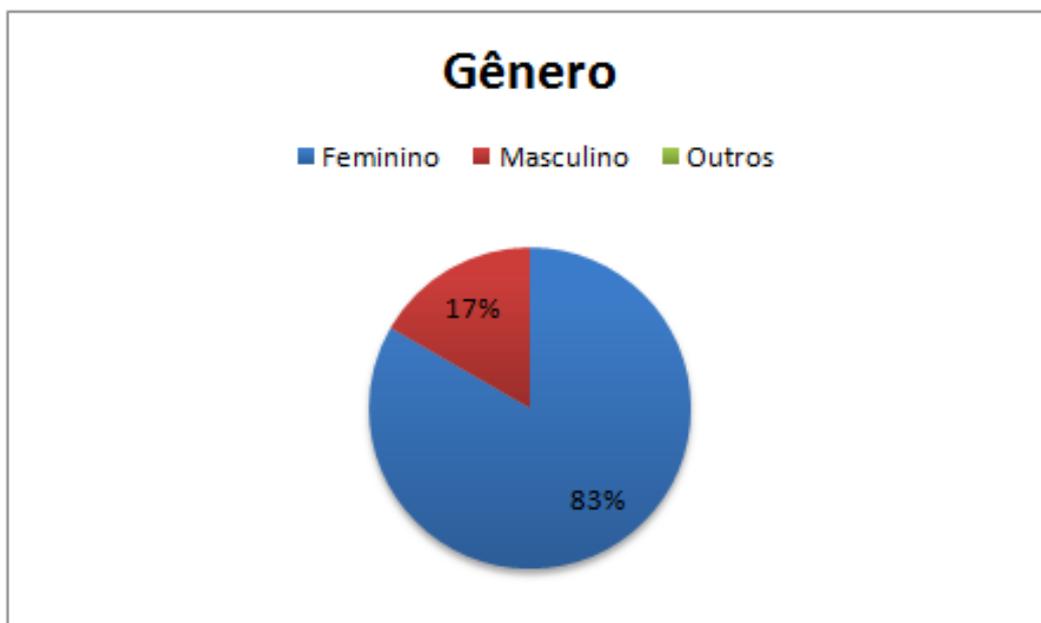


Figura 3: Caracterização percentual dos associados da CSA de acordo com o gênero. Fonte: Própria autoria, 2020.

Ainda sobre o resultado obtido na figura anterior, um outro estudo realizado por Siliprandi, 2011 *apud* Nobre, 2008, também aponta para essa problemática, no que se refere ao consumo:

“Enquanto isso, as mulheres continuam responsáveis pela alimentação dentro dos lares; o que implica que, as propostas de mudanças nos modelos de consumo não podem ser construídas sem que a sua sobrecarga de trabalho seja considerada.” (SILIPRANDI, 2011, *apud* NOBRE, 2008, p. 181)

A vinculação da responsabilidade da mulher em relação à gestão do lar pelo sistema capitalista patriarcal, ainda faz com que muitas mulheres, mesmo que não inseridas no sistema familiar convencional, sejam as responsáveis pela aquisição e preparo dos alimentos consumidos dentro de seus lares. E

por consequência, resulta que a procura e escolha de alimentos saudáveis/orgânicos seja efetuada predominantemente por mulheres (ESSOUSSI; ZAHAF, 2008). A literatura citada anteriormente também indica uma maior conscientização das consumidoras em relação à saúde e alimentação saudável. Bem como, sobre práticas sustentáveis e meio ambiente (AERTSENS; VERBEKE; MONDELAERS, 2009; OLIVAS; BERNABÉU, 2012; PADEL; FOSTER, 2005)

Analisou-se ainda, o grau de escolaridade e a faixa etária dos coagricultores, resultados ilustrados nas Figuras 4 e 5, respectivamente.

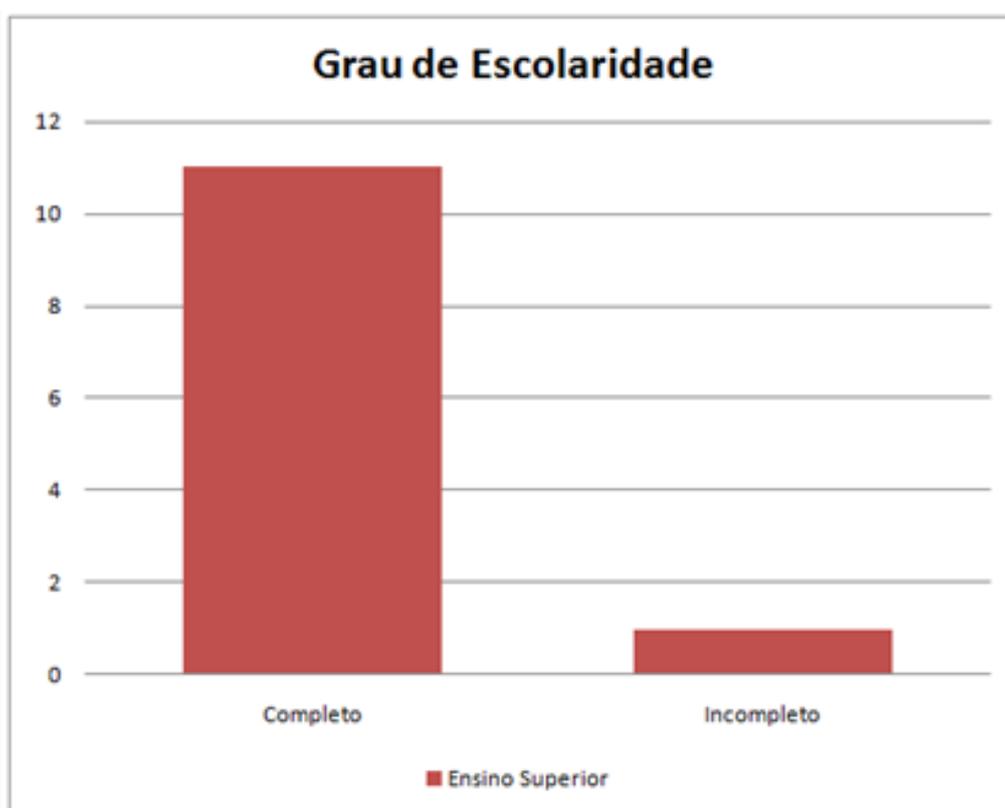


Figura 4: Grau de escolaridade dos membros associados ao CSA. Fonte: Própria autoria, 2020.

Conforme a Figura 4, em relação ao grau de escolaridade dos coagricultores, 95% deles possuem ensino superior completo, observando-se uma similaridade, entre grau de escolaridade dos associados da CSA Sorocaba, com a média referente aos membros associados das CSAs nos Estados Unidos (CONE; MYHRE, 2000; THOMPSON; COSKUNER-BALLI, 2007). Em relação a faixa etária (Figura 5), nota-se que 67% dos coagricultores estão na faixa entre 31 a 44 anos. Com isso, é possível dizer que, a faixa etária

também pode ser considerada como fatores determinante no grau de conscientização sobre o consumo de alimentos saudáveis e relacionados à formas sustentáveis de consumo, como se refere AERTSENS; VERBEKE; MONDELAERS, 2009; ESSOUSSI; ZAHAF, 2008.

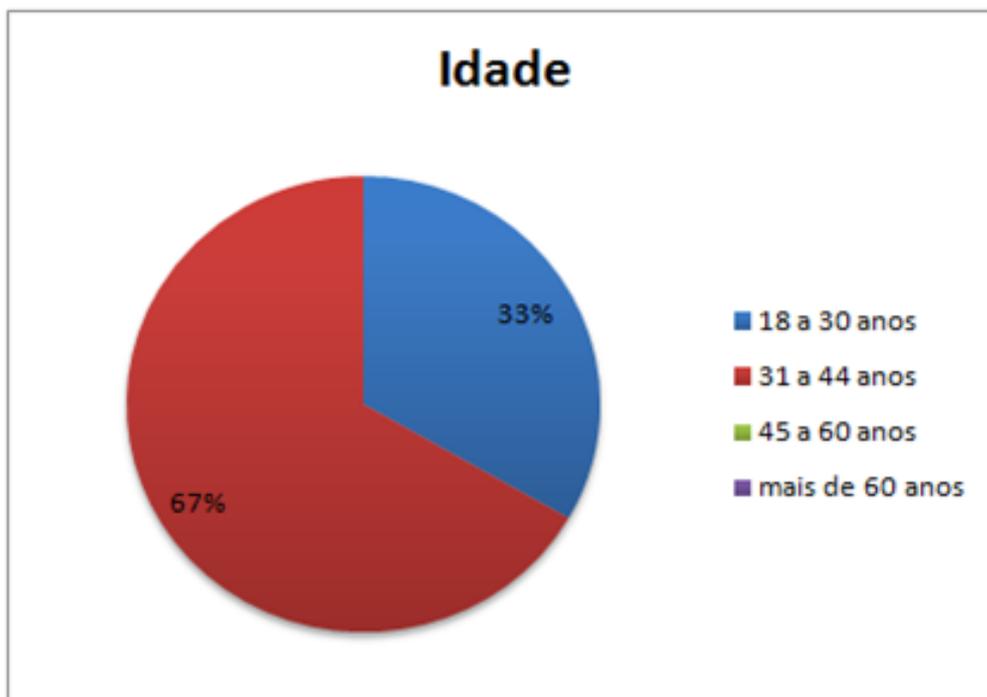
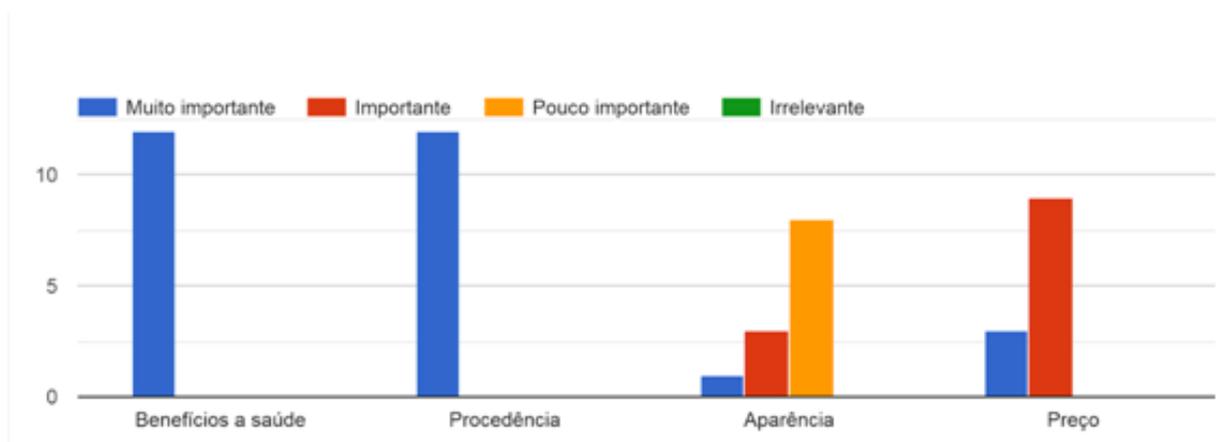


Figura 5: Caracterização percentual dos associados da CSA de acordo com a idade. Fonte: Própria autoria, 2020.

### 6.3. Consumo consciente

Nas questões relacionadas diretamente ao consumo de produtos orgânicos agroecológicos, nota-se a preocupação dos coagricultores, principalmente, no quesito saúde e procedência. De acordo com a Figura 6, é possível observar que todos os participantes marcaram essas duas opções como sendo “muito importantes” na hora de escolher quais alimentos comprar. Em relação a aparência do produto, mais da metade dos coagricultores disseram que a mesma não é muito importante na hora da compra. Implicando numa reeducação no modelo de consumo, relativa às características qualitativas de padronização dos alimentos, os quais se diferem daqueles advindos da agricultura convencional com alto grau de padronização na produção.



**Figura 6: Fatores que influenciam na obtenção de produtos agroecológicos/orgânicos, por grau de relevância. Fonte: Própria autoria, 2020.**

No que diz respeito a precificação dos produtos orgânicos/agroecológicos, ainda nota-se a preocupação dos coagricultores com esse quesito. O qual pode ser relacionado com o questionamento sobre “formas de consumo”, ou seja, a compra de alimentos orgânicos/agroecológicos de outras formas, que não as cestas da CSA (Figura 7). Mesmo aqueles que indicaram o consumo de produtos orgânicos comprados em supermercados ou de outras formas não especificadas, demonstraram a dificuldade de introdução contínua desses alimentos devido aos preços elevados, o que pode ser visto da fala de uma das coagricultoras sobre a compra de alimentos orgânicos:

"Pouco ou quase nada, por conta da dificuldade de acesso e custo elevado"

O que pode indicar que eles veem a CSA como uma saída econômica para a compra de produtos orgânicos/agroecológicos, sendo que os coagricultores pertencem majoritariamente às classes D (58%) e C (25%).

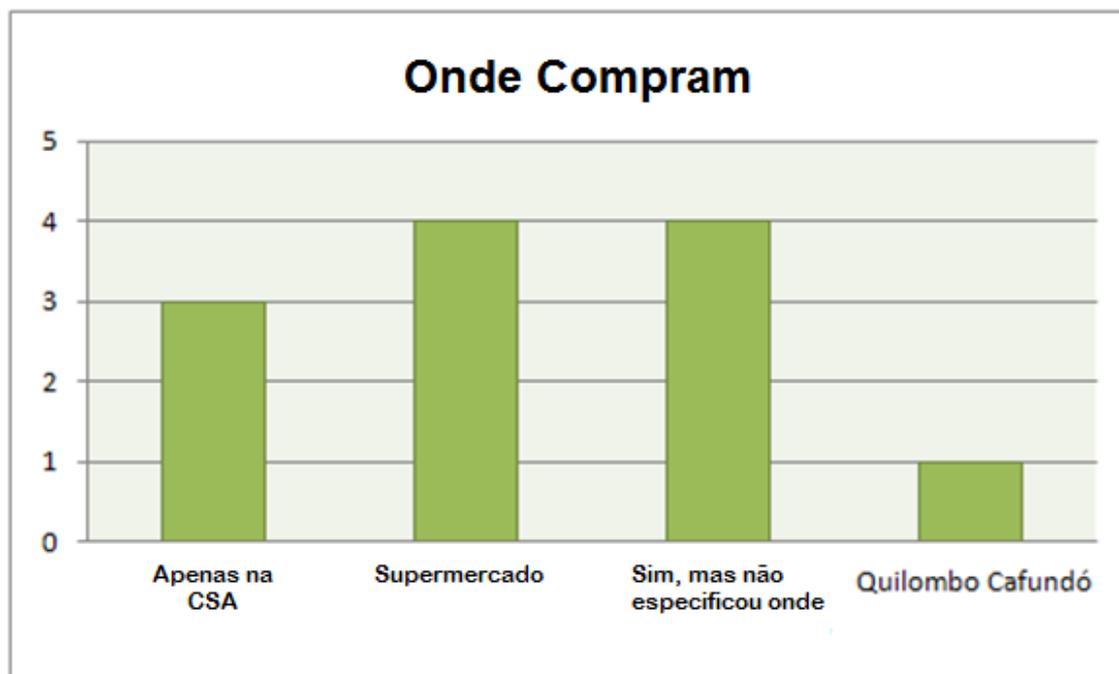


Figura 7: Consumo de produtos orgânicos/agroecológicos pelos coagricultores. Fonte: Própria autoria, 2020.

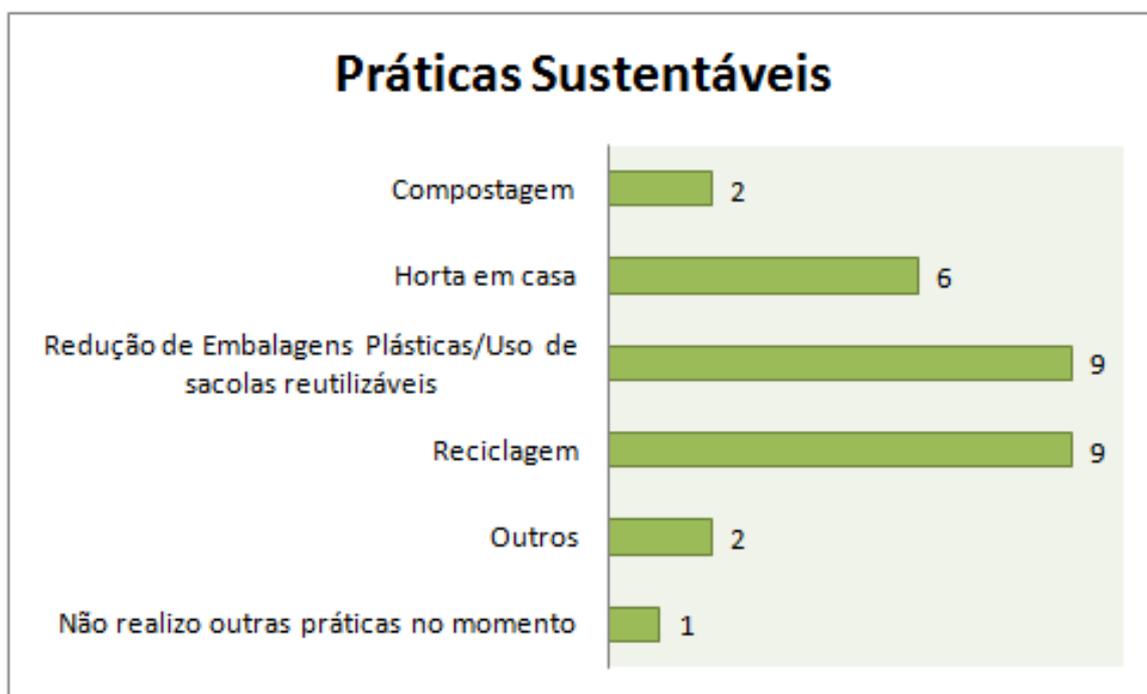
Mas também é importante ressaltar que o consumo consciente pode estar relacionado com a redução na compra desses alimentos em outros locais (assim como confiança em marcas de orgânicos, etc), segundo Lencione et. al. 2018, há um sistema cultural de identidade, onde os membros da comunidade CSA buscam por valores e princípios em comum, como a busca por uma "mudança no paradigma, uma alternativa ao mercado dominante e competitivo" (LENCIONI; FRANCO; ALVARES, 2018) . O que pode ser exemplificado pelo fato de existir um mercado interno movimentado pelos próprios membros da CSA, como pode ser visto na seguinte fala de uma coagricultora quando perguntada sobre de que forma comprava:

"Sempre por aqueles que revendem ou indicam dentro da própria comunidade e outros produtos encontrados no mercado com selo de orgânicos do Brasil."

Ainda analisando a Figura 7, é interessante observar que uma das associadas, adquire produtos agroecológicos advindos da agricultura familiar, através do contato com o Quilombo Cafundó, localizado no município

vizinho em Salto de Pirapora. A entrega dos alimentos produzidos no Quilombo, também ocorre sem o intermédio de atravessadores. O que remete novamente aos ideais procurados pelos membros, ao estabelecerem relações de confiança e compromisso diretamente com os produtores

Quando questionados sobre outras práticas sustentáveis (Figura 8), a redução e reutilização de embalagens plásticas foi uma das mais selecionadas pelos participantes. Sendo que uma das participantes inclusive alegou o uso de fraldas e absorventes ecológicos como forma de reduzir esse tipo de resíduo.



**Figura 8:** Práticas sustentáveis mais comuns relacionadas a reeducação ambiental. Fonte: Própria autoria, 2020.

Como ainda observado na Figura 8, um outro item que também teve uma alta seleção igual a redução e reutilização de embalagens plásticas foi a reciclagem, ambos apresentando cerca de 75 % dos coagricultores seguem essas práticas. Em seguida, vemos itens da utilização de hortas caseiras com 50 % e o da compostagem de material orgânico com aproximadamente 16,7 %.

Todos os participantes que afirmaram alguma prática sustentável realizam dois ou mais itens citados, e, apenas um membro afirmou não realizar

outras práticas sustentáveis no momento. A alimentação vegetariana/vegana foi apontada por uma participante como forma de prática sustentável, o que de fato é uma questão muito relevante discutida dentro do movimento agroecológico (AZEVEDO, 2015).

#### 6.4.Diversidade dentro do modelo

As cestas de alimentos oferecidas aos coagricultores é composta segundo às estações, sempre mantendo um padrão na composição (tabela 1), ao longo do tempo, os coagricultores já receberam 55 diferentes tipos de produtos (CSA Sorocaba, 2020).

Cota 1	Cota 2
2 maços de folhosas	2 maços de folhosas
1 porção de legumes	2 porções de legumes
1 tipo de raiz	2 tipos de raízes
1 porção de frutas	2 porções de frutas
1 maço de tempero	1 maço de tempero
1 maço de aromáticas	1 maço de aromáticas

**Tabela 1: Composição das cestas semanais**

Uma das características mais marcantes que diferencia a CSA-Sorocaba, é a utilização de plantas alimentícias não-convencionais<sup>3</sup> (PANCs) na confecção das cestas, dentre elas pode-se destacar a ora pro nobis, o feijão guandú, o nabo forrageiro e a taioba. Quando questionados sobre a introdução desses alimentos na dieta, os coagricultores indicaram majoritariamente, a relação comunitária entre os membros na partilha de receitas e modos de uso dessas plantas, já que as mesmas ainda são de desconhecimento para a maioria dos brasileiros (KINUPP, 2009; KINUPP; DE BARROS, 2007). Como pode ser observado na fala da coagricultora:

“Não conhecia o termo antes do CSA. Incluí-las na dieta foi relativamente simples devido ao grande número de informações e receitas disponíveis na internet, bem como, ao diálogo com outros coagricultores.” Coagricultora nº 3.

Outra associada também narra dificuldade na implementação desses alimentos:

“Algumas me adaptei e gostei de incluir na nossa rotina alimentar, outras houve muita resistência pelos membros da minha família e acabo deixando para doação.”

Mas tal desconhecimento parece estar ligado unicamente ao uso habitual das PANCs, pois a maioria dos associados já conhecia o termo, e novamente, as informações compartilhadas entre os membros é essencial para os mesmos, como exemplificado pela fala da entrevistada:

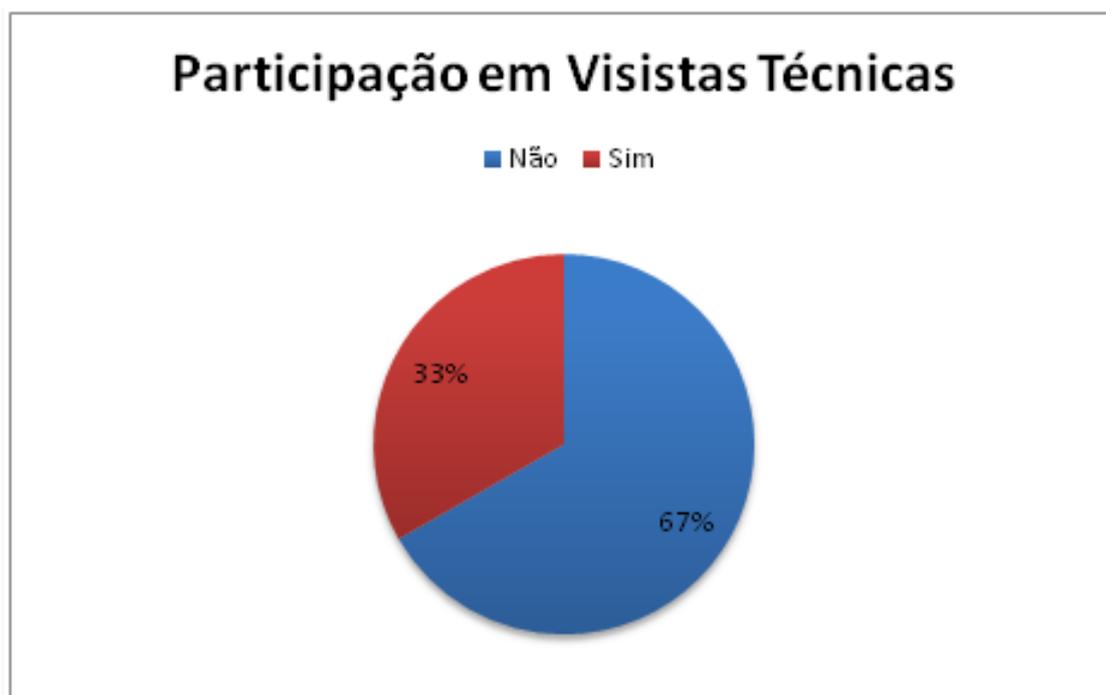
“Já tinha ouvido falar. Com algumas é tranquilo a inserção no cardápio. Outras, nem tanto. Quanto ao preparo, sempre quando alguém levanta uma dúvida de como preparar ou para que serve determinada planta, o pessoal da comunidade compartilha receitas e dá dicas nesse sentido.”

## **6.5. Cooperação e consciência ambiental**

Foi possível notar, que o compartilhamento entre os membros da comunidade, se funda como um dos ideais necessários para que se alcance uma participação efetiva de todos e assim permitir o avanço e estabelecimento do projeto, seja esta, feita a partir de reuniões, encontros, confraternizações, místicas, trocas de receitas e partilha/doação dos produtos (LENCIONI; FRANCO; ALVARES, 2018)

Ainda sim, apenas quatro dos entrevistados haviam participado de encontros ou visitas técnicas em algum dos organismos agrícolas vinculados à CSA - Sorocaba (Figura 9). Sendo que a atual crise sanitária brasileira pode ter influenciado nessa variável, como exemplificado pela seguinte fala de uma das participantes:

"Na verdade eu fui uma vez não para visita técnica, porém, para montar as cestas para entrega, visto que estávamos sem espaço de entrega no início da pandemia."



**Figura 9: Participação dos associados da CSA - Sorocaba nas visitas técnicas aos organismos agrícolas.**Fonte: Própria autoria, 2020.

Quando questionados sobre essas visitas, o que é descrito por Thompson, 2007 como “encantamento”, pode ser visto a seguir:

"Muita proximidade com os produtores, suas atividades, e poder inserir também a minha família em meio a essas relações foi e é um dos propósitos/objetivos de estarmos com o csa, e poder viver isso só confirmou a importância disso tudo."  
Coagricultora nº 6.

Segundo o autor esse encantamento está ligado com “experiências de magia, deslumbramento, espontaneidade, sentimentos de transformação e mistério, não existentes nas experiências de consumo tradicionais” (THOMPSON; COSKUNER-BALLI, 2007, p. 280).

Pohlmann (2018) descreve este mesmo processo como uma "Nostalgia" pois, em relação ao contato com a Terra ", o consumidor já perdeu há muito esse relacionamento. Ele não compreende a linguagem do agricultor ainda

ligado à terra; para ele a terra é suja, não viva. No máximo ele compreende essa linguagem como poesia, romantismo ou teoria." (POHLMANN, 2018, p. 23)

Em relação às questões ambientais conservacionistas, associadas à produção familiar, os coagricultores foram questionados para avaliar tais noções, através da pergunta: "Você acredita que a agricultura familiar e a conservação ambiental estão relacionadas?". Unanimemente, todos os entrevistados disseram haver tal correlação, inclusive citando os malefícios da agricultura convencional, como pode ser visto na seguinte fala:

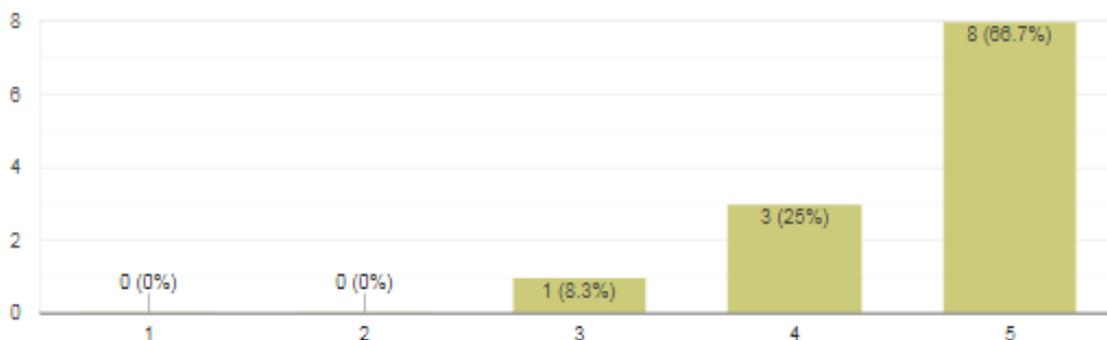
"Com certeza! Atualmente o agronegócio e pecuária são grandes causadores de inúmeros danos ambientais, além do incentivo à continuidade da desigualdade social e ao não apoio aos direitos das terras indígenas. Portanto, acredito que o consumo voltado à agricultura familiar é de grande importância para mudar esse cenário." Coagricultora nº 12

A questão da renda familiar, também foi levantada por uma das associadas da CSA, correlacionando ainda esse fato, com a saúde ambiental:

"Acredito que sim, afinal não há a extração absurda dos recursos naturais, não há envenenamento das plantas e do solo, garantimos de renda familiar livre de exploração etc" Coagricultora nº 8

Também questionou-se a participação dos associados em outras formações coletivas sociais/voluntárias, e apenas dois integrantes responderam positivamente, sendo que uma delas apontou participar de "coletivos jovens de meio ambiente".

Por fim, vê-se que para os consumidores, a participação em um projeto de Economia Associativa Solidária em uma Comunidade que Sustenta a Agricultura, tem sido vantajosa e satisfatória para seus membros (Figura 10).



**Figura 10: Grau de satisfação dos coagricultores com a experiência em uma Comunidade que sustenta a agricultura.**Fonte: Própria autoria, 2020.

## 7.CONCLUSÕES

A pesquisa permitiu uma avaliação do perfil de consumidores associados à CSA - Sorocaba, sendo os mesmos em sua totalidade, do sexo feminino, com faixa etária jovem, e com grau de escolaridade majoritariamente tendo ensino superior completo. Os associados notadamente possuem noções bem estruturadas sobre a alimentação saudável, sustentabilidade, e consumo consciente, assim como exemplificaram muito bem as relações entre agricultura familiar, agroecologia e conservação ambiental, apontando também as problemáticas relacionadas à agricultura industrial.

O que indica que os consumidores mais jovens, já que a faixa etária de coagricultores, que em sua maioria, tem menos de 45 anos (33% tem menos de 30 anos) estão mais engajados nos movimentos pró meio ambiente e/ou sociais, assim como estão mais preocupados com saúde alimentar e apresentam estar preocupados com mudanças em seu modo de vida para um cotidiano mais sustentável. Também foi possível observar, que mesmo que nem todos os associados sejam participantes voluntários nos Grupos de Trabalho, a maioria das falas levantadas pelos mesmos, aponta para um comprometimento com a comunidade que estão inseridos, participando dos diálogos, da comunhão de ideias, experiências e na partilha dos alimentos adquiridos. Não obstante, os associados veem na CSA - Sorocaba, não só como uma forma alternativa e econômica de se obter produtos saudáveis, mas

também como uma fonte de experiências e conexões com a natureza e com os alimentos que consomem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AERTSENS, J.; VERBEKE, W.; MONDELAERS, K. Personal determinants of organic food consumption: a review. **British Food Journal**, v. 111, n. 10, p. 1140–1167, 2009.
2. ALMEIDA, F. F. **AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA CAMPONESA NO LOTE MÃE TERRA DO ASSENTAMENTO HORTO BELA VISTA DE IPERÓ (SP)**. [s.l.] Universidade Federal de São Carlos, 2019.
3. ALTIERI, M. **Agroecologia: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
4. ALTIERI, M. A. Ethnoscience and biodiversity: key elements in the design of sustainable pest management systems for small farmers in developing countries. **Agriculture, Ecosystems and Environment**, v. 46, n. 1–4, p. 257–272, 1993.
5. ALTIERI, M. A. **Agroecology: The Science of Sustainable Agriculture**. Second ed. New York: CRC Press, 1995.
6. ALTIERI, M. A. Linking ecologists and traditional Farmers in the Search for Sustainable Agriculture. **Frontiers in Ecology and the Environment**, v. 2, n. 1, p. 35–42, 2004.
7. ALTIERI, M. A.; ANDERSON, M. K. An ecological basis for the development of alternative agricultural systems for small farmers in the Third World. **American Journal of Alternative Agriculture**, v. 1, n. 1, p. 30–38, 1986.
8. AMORIM, J. COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) EM SÃO PAULO E AGRICULTURA SOLIDÁRIA (SoLaWi) NA ALEMANHA: CONSTRUINDO INDICADORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS. **Journal of Visual Languages & Computing**, v. 11, n. 3, p. 287–301, 2018.
9. AUGUSTO, F.; LIMA, X. Alternativas socioeconômicas para os agricultores familiares: o papel. **Revista Ceres**, v. 62, n. 2, p. 159–166, 1990.

10. AZAMBUJA, L. R. Os valores da economia solidária. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 282–317, 2009.
11. AZEVEDO, E. DE. O Ativismo Alimentar Na Perspectiva Do Locavorismo. **Ambiente & Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 81–98, 2015.
12. BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 87–116, 2007.
13. BUQUERA, R. B. **A AGROECOLOGIA E OS SERVIÇOS ECOSSISTÊMICOS: UM ESTUDO DE CASO NOS ASSENTAMENTOS DO MUNICÍPIO DE IPERÓ/SP**. [s.l.] Universidade Federal de São Carlos, 2015.
14. CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**, p. 166, 2004.
15. CAPORAL, F. R.; PETERSEN, P. AGROECOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMÉRICA LATINA: O. **Agroecología**, v. 6, p. 63–74, 2012.
16. CARVALHO, S. P. DE; MARIN, J. O. B. Problemas ambientais desencadeados pelo Plano Nacional de Agroenergia: o caso de Itapuranga, Goiás. **Interações (Campo Grande)**, v. 12, n. 2, p. 235–247, 2011.
17. Censo Agropecuário 2017, IBGE. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro\\_2006.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf)
18. CONE, C. A.; MYHRE, A. Community-supported agriculture: A sustainable alternative to industrial agriculture? **Human Organization**, v. 59, n. 2, p. 187–197, 2000.
19. CONWAY, G. R. The properties of agroecosystems. **Agricultural Systems**, v. 24, n. 2, p. 95–117, 1987.
20. COOLEY, J. P.; LASS, D. A. Consumer Benefits from Community Supported Agriculture Membership. **Review of Agricultural Economics**, v. 20, n. 1, p. 227, 1998.
21. DINIZ, R. F. et al. A EMERGÊNCIA DOS MERCADOS INSTITUCIONAIS NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO: AGRICULTURA

- FAMILIAR E SEGURANÇA ALIMENTAR E. **Geo UERJ**, n. 29, p. 234–252, 2016.
22. DRINKWATER, L. E.; SNAPP, S. S. Nutrients in Agroecosystems: Rethinking the Management Paradigm. **Advances in Agronomy**, v. 92, n. 04, p. 163–186, 2007.
23. DUBEUX, A.; BATISTA, M. P. Agroecologia e Economia Solidária : um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. **Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul**, v. 22, n. 2, p. 227–249, 2017.
24. EHLERS, E. A Agricultura Alternativa: Uma Visão Histórica. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 24, n. Especial, p. 231–262, 1994.
25. ESSOUSSI, L. H.; ZAHAF, M. Decision making process of community organic food consumers: an exploratory study. **Journal of Consumer Marketing**, v. 25, n. 2, p. 95–104, 2008.
26. EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP. Overview of Community Supported Agriculture in Europe. **Urgenci**, v. 53, p. 1–138, 2016.
27. FAO et al. **The State of Food Security and Nutrition in the World** FAO. Rome: [s.n.].
28. FEIDEN, A. Agroecologia: Introdução e Conceitos. In: AQUINO, A. M. DE; ASSIS, R. L. DE (Eds.). **Agroecologia: Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável**. Seropédica: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 517.
29. FERREIRA NETO, D. N. et al. Financiamento da produção agroecológica a partir do modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura): um panorama no estado de São Paulo. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.
30. FILHO, A. N. R.; CUNHA, L. A. G. ECONOMÍA SOLIDARIA: ALTERNATIVA DE DESARROLLO, GENERACIÓN DE TRABAJO, RENTA. **ELEUTHERA**, v. 6, p. 246–260, 2012.
31. FOLLMANN, T. M.; CIPRANDI, O. Consumers profile in the agroecological fair of lages, sc. **UDESC: CidadãiaemAção**, v. 1, n. 1, 2007.

32. GLIESSMAN, S. Agroecology and Food System Change. **Journal of Sustainable Agriculture**, v. 35, n. 4, p. 347–349, 2011.
33. GLIESSMAN, S. R. Agroecology in the tropics: Achieving a balance between land use and preservation. **Environmental Management**, v. 16, n. 6, p. 681–689, 1992.
34. GLIESSMAN, S. R.; FRANCIS, C.; LIEBLEIN, G. The Ecology of Food Systems. **Journal of Sustainable Agriculture**, v. 22, n. 3, p. 99–118, 2003.
35. GLIESSMAN, S. R.; GARCIA, R. E.; AMADOR, M. A. The ecological basis for the application of traditional agricultural technology in the management of tropical agro-ecosystems. **Agro-Ecosystems**, v. 7, n. 3, p. 173–185, 1981.
36. GUZMÁN, E. S. Agroecología y desarrollo rural sustentable: una propuesta desde Latino América. **Sarandon (ed.) Agroecología; el camino para la agricultura.**, p. 1–28, 2000.
37. GUZMÁN, E. S. La participación en la construcción histórica latinoamericana de la Agroecología y sus niveles de territorialidad. **Política y Sociedad**, v. 52, n. 2, p. 351–370, 2015.
38. GUZMÁN, E. S. Sobre as perspectivas teórico-metodológicas da Agroecologia. **REDES: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 2, p. 13–30, 2017.
39. GUZMÁN, E. S.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. Ecosociologia: algunos elementos teóricos para el análisis de la coevolución social y ecológica en la agricultura. **REIS**, v. 52, n. 90, p. 7–45, 1989.
40. JUNIOR, E. C. DA S. et al. Comércio justo e gestão ambiental para a sustentabilidade: o caso de uma comunidade que sustenta a agricultura (csa). **Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília**, v. 35, n. 1, p. 11–36, 2018.
41. KINUPP, V. F. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - Julho/2009. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC**, p. 4, 2009.
42. KINUPP, V. F.; DE BARROS, I. B. I. Riqueza de Plantas Alimentícias Não-Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 1, p. 63–65, 2007.

43. KONDOH, K. The alternative food movement in Japan: Challenges, limits, and resilience of the teikei system. **Agriculture and Human Values**, v. 32, n. 1, p. 143–153, 2015.
44. LAVILLE, J. A economia solidária: Um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 7–47, 2009.
45. LENCIONI, P. R. A.; FRANCO, F. S.; ALVARE, S. M. R. A ECONOMIA ASSOCIATIVA NA AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA: UM ESTUDO DE CASO DO CSA DEMÉTRIA, BOTUCATU, SP. In: MING, L. C. et al. (Eds.). **Plantando Sonhos: Experiências em Agroecologia no Estado de São Paulo**. Botucatu: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 2018. p. 311.
46. LECHAT, N. M. P. AS RAÍZES HISTÓRICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E SEU APARECIMENTO NO BRASIL. In: GAIGER, L. I. (Ed.). **Economia Solidária**. [s.l: s.n.]. v. 1p. 136.
47. LIMA, S. K. et al. **Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no brasilpea**. Brasília: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>>.
48. MARTINS, M.; ONUMA, F. As contribuições da economia solidária através da ITCP / UNIFAL- MG e o papel do Programa de Aquisição de Alimentos ( PAA ) para o desenvolvimento local : O caso da Associação Sabor & Saúde , Varginha – Minas Gerais. **REVISTA NERA**, v. 21, n. 44, p. 134–158, 2018.
49. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **PROJEÇÕES DO AGRONEGÓCIO**. Brasília, 2017.
50. MOULAERT, F.; AILENEI, O. Social economy, third sector and solidarity relations: A conceptual synthesis from history to present. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 2037–2053, 2005.
51. MST, Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **PLANO NACIONAL DO MST: 1989 A 1993**. [s.l.] Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1989.
52. ODUM, E. P. Properties of Agroecosystems. In: **Agricultural ecosystems: unifying concepts**. 1. ed. [s.l.] Wiley-Interscience, 1984. p. 233.

53. OLIVAS, R.; BERNABÉU, R. Men ' s and women ' s attitudes toward organic food consumption . A Spanish case study. **Spanish Journal of Agricultural Research**, v. 10, n. 2, p. 281–291, 2012.
54. OLIVEIRA, J. E. DE. **Monitoramento Participativo De Sistemas Agroflorestais Nos Assentamentos Do Município De Iperó -Sp.** [s.l.]Universidade Federal de São Carlos, 2016.
55. OLIVEIRA, F. A. DE. **COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA: ENTENDENDO AS CSAS DE BELO HORIZONTE E ANALISANDO SUAS POSSIBILIDADES E DESAFIOS.** [s.l: s.n.].
56. PADEL, S.; FOSTER, C. Exploring the gap between attitudes and behaviour. **British Food Journal**, v. 107, n. 8, p. 606–625, 2005.
57. PAULL, J. Biodynamic Agriculture: The Journey From Koberwitz To The World, 1924-1938. **Journal of Organic Systems**, v. 6, n. 1, p. 27–41, 2011.
58. POHLMANN, H. Homem Ocidental - Homem Oriental. **Sociedade Antroposófica**, n. 67, p. 20–25, 2018.
59. ROBERTSON, G.; PAUL, E.; HARWOOD, R. Greenhouse gases in intensive agriculture: Contributions of ... **Science**, v. 289, n. 5486, p. 1922–1925, 2000.
60. ROVER, O. J.; RIEPE, A. DE J. A relação entre comercialização de alimentos e princípios agroecológicos na rede de cooperativas de reforma agrária do Paraná / Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 38, p. 663–682, 2016.
61. SANTOS, M. R. et al. A agroecologia e as organizações de controle social nos assentamentos rurais de Iperó/SP. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.
62. SIDRA -Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6853#resultado>
63. SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. **Feminismo, gênero e igualdade**, p. 171–183, 2011.
64. SINGER, P. Economia solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, v. 16, n. 1–2, p. 100–112, 2001.

65. SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1 ed. São Paulo: EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2002.
66. SINGER, P. State-Society Relations in a Solidary Economy. **ICONOS. Revista de Ciências Sociais**, n. 33, p. 51–65, 2009.
67. THOMPSON, C. J. Interpreting consumers: A hermeneutical framework for deriving marketing insights from the texts of consumers' consumption stories. **Journal of Marketing Research**, v. 34, n. 4, p. 438–455, 1997.
68. THOMPSON, C. J.; COSKUNER-BALLI, G. Enchanting ethical consumerism: The case of community supported agriculture. **Journal of Consumer Culture**, v. 7, n. 3, p. 275–303, 2007.
69. TOMICH, T. P. et al. Agroecology: A Review from a Global-Change Perspective. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 36, n. 1, p. 193–222, 2011.
70. TORUNSKY, F.; NETO, D. N. F.; AMORIM, J. O. DE L. CSA: Comunidade que Sustenta Agricultura, uma experiência em São Carlos. **IX Congresso Brasileiro de Agroecologia**, v. 10, 2015.
71. TSCHARNTKE, T. et al. Landscape perspectives on agricultural intensification and biodiversity - Ecosystem service management. **Ecology Letters**, v. 8, n. 8, p. 857–874, 2005.
72. VERGES, N. M. Agroecologia: uma alternativa de desenvolvimento rural sustentável para os assentamentos rurais 1. **Caminhos de Geografia**, v. 14, n. 45, p. 237–253, 2013.
73. WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. **Sustainable Agriculture**, v. 2, p. 27–43, 2009.

## ANEXO A - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

1 - Gênero - masculino ( )      feminino ( )      outros( )

2 - Idade - 18 a 30 anos ( )      31 a 44 anos ( )      45 a 60 anos ( )  
60 anos ou mais ( )

3 - Estado Civil - solteiro(a) ( )      casado(a) ( )      outros( )

4 - Nível de Escolaridade :Ensino Fundamental - completo ( )      incompleto ( )  
Ensino Médio - completo ( )      incompleto ( )  
Ensino Superior - completo ( )      incompleto ( )

5 - Renda Familiar - < 1 salário mínimo ( )  
1 a 5 salários mínimos( )  
5 a 10 salários mínimos( )  
> 10 salários mínimos( )

6 - Como ficou sabendo sobre o CSA - Sorocaba? (esta questão permite mais de uma resposta)

internet ( )

recomendação de conhecidos ( )

feiras agroecológicas ( )

outros ( )

7 - Qual a importância desses fatores na hora de adquirir um produto orgânico?

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Irrelevante
Benefícios a saúde( )	( )	( )	( )	( )
Procedência	( )	( )	( )	( )
Aparência	( )	( )	( )	( )
Preço	( )	( )	( )	( )

8 - Consome produtos orgânicos/agroecológicos de outras maneiras além das cestas do CSA?

9 - Como foi a adição das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) em seu cotidiano?

10 - Realiza ou já realizou outras práticas sustentáveis?(mais de uma opção podem ser marcadas como resposta)

Não realizo outras práticas no momento( )

Reciclagem( )

Redução de Embalagens Plásticas/Uso de sacolas reutilizáveis( )

Horta em casa( )

Compostagem( )

Outros( )

11 - Você acredita que a agricultura familiar e a conservação ambiental estão relacionadas?

12 - Participa ou já participou de outras Organizações Coletivas?

13 - Participa ou já participou de algum Grupo de Trabalho (GT) no CSA-Sorocaba? Se a resposta for sim, qual GT?

14 - Já participou de atividades ou eventos nos sítios vinculados ao CSA?  
Sim( ) Não ( )

15 -Descreva em poucas palavras como foi participar dessa(s) visita(s).

16 - Qual seu nível de satisfação em participar de um projeto como o CSA - Sorocaba?

Insatisfeito ( ) ( )	( )	( )	Ótimo ( )	
1	2	3	4	5